

ACESSO À LITERATURA EM TERRITÓRIOS PERIFÉRICOS: CONTRIBUIÇÕES DA BIBLIOTECA COMUNITÁRIA CRIANÇA FELIZ NA FORMAÇÃO DE LEITORES DO BAIRRO FLORESTA

Maria Adrielly Correia de Castro¹

¹Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil, adriellycastro2805@gmail.com

Introdução

O ato de ler ou o interesse pela leitura como um todo, vai além de somente passar os olhos por palavras, na verdade ler não é algo tão limitado, essa ação é capaz de atingir uma imensidão quando se trata de diversos pontos como imaginar, experienciar, ampliar uma visão de mundo e de si próprio, tudo isso através de um compilado de palavras. Segundo Abramovick (1997, p. 152): “[...] Ler é um lazer que pode ser saboreado a qualquer hora e que até dispensa companhia. [...] É um dos poucos brinquedos que se pode brincar sozinho (ou junto com as personagens ...)”. No entanto, mesmo sabendo que o campo da literatura infantil é tão vasto e rico, não significa que essa é explorada com o intuito de fazer com que o leitor passe a deleitar os livros. Pelo contrário, quando se trata desses, existem um leque de empecilhos ao se pensar nas possibilidades não exploradas, se é que essas possibilidades são existentes. Afinal, não é como se todos possuíssem acesso a um livro, mesmo sabendo que essa garantia não está atrelada apenas ao lazer, mas também enquanto um direito social. A partir disso, entende-se que os problemas não são os potenciais da literatura infantil, mas sim os obstáculos referentes a ela.

Com isso, ao se pensar nas diferentes camadas referentes a dificuldade de exercício a cidadania em territórios marginalizados¹, quando se trata de educação especificamente em relação ao acesso à literatura infantil nesses espaços, pode-se entender que os empecilhos também existirão, mesmo sabendo o quão é importante os livros na formação do ser e que o acesso a tais é um direito social². Porém, não se tem como esperar que esses sejam uma prioridade em uma realidade em que o mínimo não é ofertado, como pensar em um ser priorizando comprar um livro ao invés de investir seu recurso em tantas outras demandas que o poder público não fornece.

A partir disso, há a necessidade de levar os livros a essa camada social, afinal, os dados mostram que o número de leitores diminuiu nos últimos anos³. Portanto, com base em tal

¹Afastadas geograficamente e compêndios das condições de vida opostas àquelas encontradas nos centros urbanos, essas regiões ficaram marcadas pela falta ou insuficiência de infraestrutura (como redes de saneamento, luz elétrica e asfalto) e serviços públicos básicos (educação, atendimento à saúde, transporte coletivo etc.), mas também por suas formas particulares de organização social, relações de sociabilidade e lazer, práticas culturais, associativismo e mobilização pública. (Nascimento, 2019, p. 17)

²“São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição”. BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Art. 6º.

³A pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil” (6ª edição, 2024) divulgada pelo Instituto Pró-Livro (IPL), que apresentou a queda de 53% para 47% no número de leitores brasileiros e sabendo da presença de políticas públicas

esvaziamento, a classe trabalhadora finda por se unir e procurar soluções, dando espaço e vez ao surgimento de bibliotecas comunitárias. Com isso, a pesquisa justifica-se pelo contato da autora com a realidade retratada, essa sendo uma criança crescida e formada em um contexto periférico, em que os livros não estavam presentes fora dos muros da escola. Essa vivência despertou interesse por pesquisar sobre a temática e buscar entender quais alternativas a sociedade desenvolveu na busca de trazer a literatura para o contexto de crianças marginalizadas, uma delas sendo as bibliotecas comunitárias, objeto de investigação deste estudo. Assim, o presente trabalho surge então com o objetivo de analisar o acesso à literatura em territórios periféricos e as contribuições da Biblioteca Comunitária Criança Feliz localizada na cidade de Fortaleza no bairro Floresta, na formação dos leitores que frequentam a biblioteca em questão.

Metodologia

A presente pesquisa, será desenvolvida de modo qualitativa e bibliográfico, de modo que:

A pesquisa qualitativa envolve o estudo do uso e a coleta de dados de uma variedade de materiais empíricos - estudo de casos; experiência pessoal; introspecção; história de vida; entrevista; artefatos; textos e produções culturais; textos observacionais/registros de campo; históricos interativos e visuais - que descrevem momentos significativos rotineiros e problemáticos na vida dos indivíduos (Denzin *et al.*, 2005, p. 17 *apud* Guerra, 2014, p. 15).

Ao se pensar nos procedimentos metodológicos bibliográficos, será realizada uma revisão sistemática, nos quais serão consultados textos, artigos e dissertações que tratam de tópicos como a literatura infantil, o acesso ou não acesso aos livros, pautas relacionadas a territórios periféricos e à luta de classes. Com isso, se destacam neste estudo autores como: Abramovick (1997), Eble (2019), Soares (2007), Nascimento (2019), Castrillón (2011) e Baldi (2009), para além disso, documentos oficiais poderão ser consultados durante a pesquisa. A partir disso, também serão utilizadas entrevistas semi-estruturadas para uma análise de dados com rigor teórico que contemple os tópicos que serão abordados na pesquisa. Logo, questionamentos serão realizados a um funcionário do Projeto Criança Feliz, que é a estrutura em que está localizada a biblioteca pesquisada. Portanto, essa metodologia será usada para refinar a temática estabelecida.

Resultados e discussão

Primeiramente, os resultados apresentados serão baseados nas hipóteses da pesquisa, afinal essa ainda está em andamento. A partir disso, ao se questionar sobre o que pode vir a acontecer quando o livro não chega, mesmo tendo noção de sua importância e que a criança e o adolescente possuem o direito de tê-lo, tem-se um cenário em que as crianças não terão contato com um meio rico, que aguça sua capacidade de questionar, verbalizar, se sensibilizar e explorar. De forma mais aprofundada, comungamos do pensamento da referência teórica Baldi (2009, p. 8), em que a mesma diz que:

em relação a esse esvaziamento, mas que os livros não necessariamente estão chegando às mãos das crianças, vale entender para qual destino tal material está a serviço.

É preciso alimentar a imaginação de nossos alunos, compartilhar leituras com eles e oferecer-lhes experiências de fruição, para que descubram os encantos da literatura como uma forma de arte que possibilita conhecerem melhor a si mesmos, ao mundo e aos que os cercam, para que se tornem pessoas mais sensíveis, mas críticas, mais criativas.

Portanto, tendo em vista que esse acesso pode sim não acontecer, mas que os livros e a lei existem, então para quem esses livros não estão chegando? São grupos específicos? Se sim, quais? Se não, por que isso acontece então?. Para uma maior reflexão sobre as questões trazidas, basta imaginar um cenário em um país desigual, em que uns têm excesso e outros não tem contato com os direitos sociais referidos anteriormente, em que alguns podem jogar comida fora e outros comem sobras, uma parte precisa trabalhar por mais de oito horas por dia e outros ao menos precisam trabalhar. Então, é possível se entender que sim, o acesso é excludente a determinados grupos, como por exemplo os grupos marginalizados e periféricos.

Contudo, antes de aprofundar a questão do (não) acesso, vale entender o que ao menos está sendo considerado algo literário. Quando se pensa em “imaginar um espaço além das fronteiras da literatura” (Natali, 2006, p. 42), é importante se questionar sobre quais são essas ditas fronteiras. Ao retomar o ponto de que a literatura é um tanto abrangente e capaz de contemplar diferentes nuances, vale analisar quais literaturas são de fato consideradas algo literário. Pensando nos povos originários, tem-se uma realidade em que por exemplo as cartas dos colonizadores são consideradas documentos da literatura brasileira, enquanto as cartas vindas dos povos indígenas não, Monteiro (1992, p. 476) diz que: "De modo geral, a historiografia - sobretudo a brasileira - tem reservado ao índio⁴ o papel de figurante mudo ou de vítima passiva dos processos coloniais que o envolviam". Logo, cartas e outras formas de expressão que são de suma importância para a cultura e história brasileira, não aparecem ao menos em livros didáticos e contemplam mais ainda a ideia do quanto a literatura sofreu um processo de branqueamento⁵, em que a escrita do branco é superior e central, enquanto as dos não brancos são deixadas de canto e esses se tornam figurantes de sua própria história.

Partindo disso, ao se pensar na literatura em regiões periféricas, a realidade não é muito diferente. Há portanto, também um processo de silenciamento e exclusão voltados a obras marginais, portanto para além do ponto de que o acesso a livros já é um empecilho, surgem também os obstáculos referentes aos artistas dessas regiões, para Dascalagnè (2012, p. 18):

Na narrativa brasileira contemporânea é marcante a ausência quase absoluta de representantes das classes populares. Estou falando aqui de produtores literários, mas a falta se estende também às personagens. De maneira um tanto simplista e cometendo alguma (mas não muita) injustiça, é possível descrever nossa literatura como sendo a classe média olhando para a classe média. O que não significa que não possa haver aí boa literatura, como de fato há - mas com uma notável limitação de perspectiva.

Portanto, quando a autora descreve nossa literatura como uma mesma classe se olhando, de fato ao analisar a realidade isso é evidente, sendo importante frisar que não significa que

⁴ O termo “índio” é utilizado pelo autor da citação conforme os padrões da época. No entanto, atualmente emprega-se o termo “povos indígenas”, expressão mais adequada e que está de acordo com a Constituição Federal de 1988 e documentos da FUNAI.

⁵ “[...] tentativas muitas vezes débeis, outras vezes fortes, sempre tocantes, em que os homens do passado, no fundo de uma terra inculta, em meio a uma aclimação penosa da cultura europeia, procuraram estilizar para nós, seus descendentes, os sentimentos que experimentavam, as observações que faziam, - dos quais se formaram os nossos” (Candido, 1981, p. 10).

essas obras não tem o seu valor, claro que tem, porém se pessoas de uma mesma etnia e classe estão escrevendo umas para as outras, há então uma literatura excludente, que se limita há uma realidade isolada. Contudo, o fato de obras vindas de um determinado padrão de pessoas serem a maioria, não significa que não existam artistas nas periferias, muito pelo contrário, há um grande número de pessoas que expressam sua arte de diferentes formas, como por exemplo através da literatura marginal⁶, contudo, em muitos casos suas vozes são isoladas e caladas. Em relação a esse isolamento, é possível afirmar que começa já na questão territorial, definida por Eble (2019, p. 39) como um “efeito-barragem”, a mesma diz que:

Pensando-se no “efeito-barragem” que o centro exerce sobre a periferia, na territorialização enquanto controle ao mesmo tempo físico e simbólico e na também limitação dos espaços que se dá em função da diferença social e sobretudo da cor, interessa aqui discutir a singularidade das experiências narradas na produção literária das periferias urbanas no que diz respeito à forma peculiar como o espaço da cidade se manifesta e se afirma nesses discursos.

Contudo, mesmo com as diferentes barreiras relacionadas ao território, acesso, escassez de políticas públicas, silenciamento, racismo, marginalização e entre outros pontos, a periferia mais uma vez resistiu. Hodiernamente, pode-se ter então não só grandes referências vindas da favela e que falam dela, mas também uma série de iniciativas populares que buscam promover um acesso à literatura, como por exemplo a Biblioteca Comunitária Criança Feliz, localizada no bairro Floresta, na cidade de Fortaleza.

Conclusões

Conclui-se que o debate sobre o acesso à literatura e seus potenciais é de extrema relevância. Além disso, vale também entender quais aparelhos estão promovendo esse contato com os livros em regiões marginalizadas. Tem-se como base o entendimento da Biblioteca Comunitária Criança Feliz como um exemplo desses aparelhos, ressaltando o quão essa como espaço físico e todos os funcionários e voluntários são símbolos de resistência social ao estarem empenhados em promover o contato com os livros às crianças do bairro floresta.

Palavras-Chave: Literatura. Acesso. Biblioteca Comunitária. Território.

Referências Bibliográficas

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.

BALDI, Elizabeth. **Leitura nas séries iniciais: uma proposta para formação de leitores de literatura**. Porto Alegre: Projeto, 2009.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Art. 6º. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

⁶ O termo “marginal” foi originado nos anos 70 no intuito de caracterizar um movimento chamado “Poesia Marginal”, que ganhou maior popularidade na cidade do Rio de Janeiro. O grupo era composto por poetas de classe média e classe média alta, o rótulo em questão se dava pelo fato das obras serem produzidas de forma “artesanal”, sendo característico o uso de uma linguagem coloquial e muitas vezes temáticas relacionadas a drogas e sexo.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura Brasileira contemporânea: um território contestado**. Rio de Janeiro: Horizonte, 2012.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. (org.). **The SAGE handbook of qualitative research**. 3. ed. Thousand Oaks: Sage, 2005.

EBLE, Laeticia Jensen. **Confrontação dos espaços e resistência na literatura marginal/periférica**. In: DALCASTAGNÈ, Regina; TENNINA, Lucía (org.). *Literatura e periferias*. Porto Alegre: Zouk, 2019.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da leitura no Brasil**: 6ª edição. Brasília: Instituto Pró Livro, 2024. Disponível em https://www.prolivro.org.br/wp-content/uploads/2024/11/Apresentac%C3%A7%C3%A3o_Retratos_da_Leitura_2024_13-11_SITE.pdf. Acesso em 10. nov. 2025.

MONTEIRO, John Manuel. **Os Guarani e a história do Brasil meridional: séculos XVII**. In: CUNHA, Manuela Carneiro da (Org.). *História dos índios do Brasil*. Paulo: Fapesp; SMS; Companhia das Letras, 1992. p. 475-500

NASCIMENTO, Érica Peçanha do. **“Literatura e periferia: considerações a partir do contexto paulistano”**. In: DALCASTAGNÈ, Regina; TENNINA, Lucía (Org.). *Literatura e periferias*. Porto Alegre: Zouk, 2019. p. 15-38.

NATALI, Marcos Piason. **Além da literatura. Literatura e Sociedade**, São Paulo, v.9, 2006.